

NOTAS E COMENTÁRIOS

PERSPECTIVAS SOBRE SEXUALIDADE E ÉTICA CRISTÃ *

I Introdução

Sexualidade e ética, ou mais adequadamente *ética cristã da sexualidade*, foi o tema que me foi atribuído para ser tratado de forma breve, no contexto deste curso sobre «Sexualidade Humana».

Bem gostaria de ser sintético, coerente e pertinente. Sei que não é fácil, não sei ainda se é possível.

A reflexão ética, filosófica e, mais precisamente, a reflexão de teologia moral cristã, deve estar simultaneamente atenta, de forma crente e crítica, à Revelação e às reais descobertas nas áreas das ciências e muito especialmente nos domínios das ciências humanas, ligadas aos vários ramos da antropologia: biologia, psicologia, psicanálise, etnologia, sociologia, etc.

É missão da ciência teológica moral ser rigorosamente fiel à busca da verdade englobante e objectiva, como diz S. Tomás, Ev. Jo., I lect., I, n.º 33, porque «est enim una sapientia absoluta quod per suam essentiam est veritas, scilicet ipsum esse divinum qua veritate omnia vera sunt».

1. Tratando-se da «ética sexual», como peregrinos da Verdade, sem preconceitos nem ingenuidades, há que estar disponível para o constante desafio da aprendizagem. Para isso há que:
 - a. Estar atento a todos os dados fornecidos pelas ciências antropológicas que ajudam a descobrir a «moral biológica», social e relacional;
 - b. Ter consciência que a primeira dimensão ética, «ética da inteligência», é ser honesto, competente e englobante na pesquisa;
 - c. Partir, como crente, do apuramento dos dados da Revelação por uma exegese e hermenêutica actualizadas sobre o significado da Pessoa e seus valores plenos;
 - d. Extensão à diversidade da idade das pessoas situadas e com papéis e vocações sociais e eclesiais diferentes, tais como solteiro, casado, viúvo, consagrado, etc.
 - e. Estando atento a que a consciência pessoal esclarecida é regra ética imediata do agir e que a «moralidade» é proporcional à efectiva liberdade, há que distinguir o que é dependente da aprendizagem sócio-cultural e especificamente religiosa, o que é patologia e o que pode ser desencaminhamento livre.

* Tema apresentado no curso de Sexualidade Humana promovido pela Associação dos Médicos Católicos Portugueses na Aula Magna da Faculdade de Medicina do Porto.

2. Conscientes de que a verdade existe, é nosso dever fundamental procurá-la com denodo, persistência e esperança, mesmo que a caminhada seja lenta e com escolhos. Enfim, é importante uma pesquisa interdisciplinar. E é nossa vocação e missão comum, amar a verdade e com ela adequar o nosso pensar e agir, para além das «incomodidades» que eventualmente isso nos acarrete. Fomos criados à imagem de Deus, devemos procurar as semelhanças, fruto da graça e do trabalho pessoal. Assim:

- a. A pesquisa teológica tem pois estatuto original, porque parte orientada por uma luz própria que lhe vem da Revelação. E sendo dom de Deus, também implica adesão esforçada, assimilação pessoal permanente; cf. I Cor. 2, 6-7. Exige contínua investigação, afinamento, explicitação e eventual correção de conceitos, confrontando a verdade revelada com as descobertas científicas que se vão fazendo no domínio da criação e especificamente acerca do mistério do ser humano, a fim de descobrir as possíveis conexões e harmonias, para além dos eventuais conflitos.
- b. Pretendendo a «Associação dos Médicos Católicos Portugueses» ser um serviço esclarecido e pertinente às pessoas do nosso tempo, só o conseguiremos sendo fiéis à verdade total das pessoas que vivem neste tempo, com determinada problemática envolvente e à luz que nos vem de Jesus Cristo e que nós, reciprocamente, conferimos vivendo, em Igreja «sustentáculo da verdade» (I Tim. 3, 15) e como Mãe e Mestre «onde se vão buscar os princípios de ordem religiosa e moral» (G. S. n.º 33).
- c. Numa atitude filial e livremente responsável, adoptamos o princípio galicano «in certis unitas, in dubiis libertas et in omnibus caritas». Que equivale a: unidade no certo e no evidente; liberdade no opinável e caridade, fraternidade em todas as situações. Mesmo que eventual e provisoriamente possa parecer loucura; cf. I Cor. 1. Amando os viciados e rejeitando os vícios, aprende-se a viver e a amar os outros, diferentes e complementares.

Assim os dados das ciências humanas, sobretudo os resultados de séria reflexão filosófica e moral, devem ser assimilados, de forma personalizada e normativa, pela consciência pessoal esclarecida, que deve ser a regra imediata do agir. Todavia não é a razão última, suprema. Daí a necessidade de constante pesquisa e de conversão pessoal à verdade a que se vai tendo acesso.

II Alguns dados da perspectiva ética

- a. Posto isto, a primeira observação é de que certos períodos da história são caracterizados, dominados por correntes, notas características que influenciam as mentalidades, forjam ou pelo menos marcam, as culturas e até *definem critérios de valor* relativamente à situação que dominam e orientam. Influenciam, marcam e, em certos casos, impõem o rumo dos comportamentos sociais, retirando-lhe a dimensão ética enquanto manipuladores da liberdade pessoal.
- b. Determinados aspectos, intimamente conexos com a natureza humana, estão sempre presentes, embora de forma diferente e com mais ou menos incidência, na vida pessoal e das comunidades.
- c. Todos conhecemos, com mais ou menos rigor, que em largos períodos da civilização ocidental, tudo o que levasse a marca de «sexual», era cuidada, hoje diríamos, hipocritamente, disfarçado e isolado. Fingia-se ignorar a situação sexual da pessoa

porque, influenciados por um vago platonismo e perigoso angelismo, tudo o que levasse o rótulo de sexo era considerado como uma inferioridade.

- d. Nestas últimas décadas, por movimento pendular, o panorama inverteu-se e estamos no outro extremo: hoje vive-se sob a pressão da «revolução sexual», da inflação sexual, mas bem pior que isso: no abuso do genitalismo desumanizado e desumanizante.
- e. Como aqui já foi amplamente comentado e demonstrado, propriamente não há sexo, há sim pessoas sexuadas. É que a partir do encontro eficaz do óvulo e do espermatozóide, inicia-se uma nova história pessoal biológica, física, psíquica, espiritual e social «sexuada». Todo o ser pessoal e respectivas manifestações de troca social, tais como: aculturação, manifestações éticas e religiosas, têm a marca biológica: masculina ou feminina. Todavia, o modo de ser e realizar a sexualidade, é resultante duma aprendizagem e de auto-assimilação.
- f. E porque toda a realidade humana é sexuada a nível do ser e do agir, a avaliação sexual e também da ética sexual, não serão primariamente os actos da genitalidade, homossexuais ou heterossexuais, mas as apetências, as pulsões de profundidade que servem de suporte à liberdade pessoal. Entre elas devemos avaliar a *causalidade*, as *motivações* e os *condicionamentos* pessoais e sociais intervenientes na vida e responsabilidade pessoal, o que é proporcional à possibilidade de exercer a liberdade psicológica.
- g. É enquanto ser sexuada que no segundo capítulo do Génesis, versículo 21 a 25, o par humano nos aparece atraídos e lançados um para o outro, enquanto ambos aparecem complementares e diferentes, olhando-se, reconhecendo-se e entregando-se livre e gostosamente. E aqui surgem os dois polos a ter em conta: a *dimensão íntima e pessoal*, e a *realidade social* da sexualidade integral e não apenas o superficial uso ou abuso da genitalidade.

Nesta passagem interpretativa, em forma de mito, a sexualidade está na base de atitudes fundamentais do relacionamento humano, a saber:

- * O impulso e a atracção recíprocas não lhes foram ensinados, mas surgem na consciência como força natural, imanente e apelativa;
- * Olha o outro face a face, reconhecendo-o como idêntico. Isto leva ao cântico da alegria por assim ser retirado da solidão e dar significado ao seu ser pessoal que se torna dialógico;
- * E surge, em consequência, a dimensão social de constituir uma realidade nova ... o casal vocacionado para construir a comunidade e ordenar, humanizar o cosmos.

E em todas estas «felizes descobertas», anota explicitamente o autor, não havia consciência de mal. Tudo era assim, antes de sublinhar a função procriadora. Melhor: acentua-se a intercomunhão profunda, marcada pela forma humanizada de pessoas definidas pela masculinidade e feminilidade, que se completam na alegria da descoberta e da entrega.

- h. Passando ao concreto, aos aspectos indicativos de comportamento sexuais éticos, isto parece indicar: a essencial necessidade ética de respeito activo pela totalidade do outro, enquanto pessoa sexuada, tomando-o na sua globalidade, diferente e complementar.

Tratando-se de partilha de vida de casal, não seria correcto dar a primazia ou principiar pela genitalidade, mas fazer promoção da liberdade e da identidade do outro, conseguidas pela mútua descoberta e encantamento, pela comunhão interpessoal que inclui, como especial força expressiva, a comunhão física e eventual comunicação de vida física e consequente formação psicológica, intelectual, afectiva, religiosa e social dos filhos.

Nesta perspectiva humanizada, a sexualidade é pois a base dum relacionamento original e criador. Daí que o valor primeiro seja a pessoa sexuada e não a sua genitalidade. E é enquanto pessoa, única, exclusiva, irrepetível e vocacionada para a liberdade e responsabilidade, que o sexo e especificamente a genitalidade, recebem seu significado e valor plenos.

- i. As profundas diferenças biofisiológicas, anatómicas e psicológicas, são um facto evidente que não deve ser iludido nem escamoteado, mas antes assumido, alegre e positivamente pelos dois géneros, como providencial complementariedade de diferentes e com igual responsabilidade. A dialéctica *igualdade, diferenciação e complementariedade* deve ser ponderada e assimilada de forma clarificada e exigente, a nível do ser e agir pessoal. Isto envolve, implica algumas exigências. No lento e intermitente desabrochar da personalidade, do eu pessoal, deve-se ter em conta que a pessoa nunca é neutra, mas em vias de diferenciação. Na comunicação interpessoal, não se pode perder de vista que a harmoniosa realização das pessoas exige a consciência explícita de que cada pessoa é um ser sexuado com implicações nos vários domínios do ser e do agir, nos empenhamentos interpessoais, na família, na profissão, na política e expressão religiosa.
- j. Assim sendo, será de ter em conta as duas ordens de valores a integrar: *valor do «inatismo»*, dos elementos de transmissão directa e a *consciência*, porque a «hominição» é uma aprendizagem, uma aculturação que se faz num determinado contexto sócio-cultural, afectivo e ético. Nós, somos nós e a nossa circunstância englobante de todos os elementos genéticos e adquiridos.
- É num determinado contexto humano que cada pessoa toma consciência do próprio eu, formaliza dinamicamente a auto-imagem e personalidade, relaciona-se com o meio cósmico, social e religioso, assumindo determinados papéis e funções, definindo-se vocacionalmente por determinado projecto, à busca da realização harmoniosa, tentando ser feliz. E é nesse contexto que se orientará na escolha pessoal, mais ou menos esclarecida, de assumir a sexualidade conjugal ou celibatária. Os comportamentos sexuais são aprendidos. É importante que a pedagogia seja eticamente codificada para ser descodificada e aprendido o seu autêntico significado.
- k. Na concepção personalista, que é a nossa, o conceito de ética sexual está pois ligado ao conceito englobante de liberdade e responsabilidade, num contexto de amor criativo e de doação aprendida, traduzidos em *partilha conjugal fiel e exclusiva* que é sacramental para os cristãos, enquanto sinal actualizador da acção do mistério pascal, rectificadora e santificante, ou em forma de *celibato voluntário*, assumido em vista dum serviço de total dedicação de vida por pessoais motivações e descobertas, assumidas como serviço da comunidade.
- l. É na vivência responsável do eu com os outros, nos respectivos estatutos de casado, celibatário, viúvo, etc., que a castidade regula o relacionamento recíproco. Aceita-se a si, aceita os outros, como sujeitos que se definem numa dialéctica de responsabilidades pessoais, sociais e até eclesiais. *Ser casto é ser livre*, adulto e responsável

integrando o uso do sexo na perspectiva da razão esclarecida de opção feita por critérios objectivos e subjectivos.

E é neste contexto que se pode colocar a questão do *prazer* como importante auto-experiência dum viver intenso, concentrado e efémero, provocado por um estímulo adequado. Na sua dinâmica sadia, normal, o prazer sexual é também descoberta do outro, complementar, com quem se partilha comunhão interpessoal. Este bem da natureza, envolve o risco, entre outros, de fixar-se nele como num fim e estabelecer dependências infantis, pessoais ou interpessoais. Daí a justificação da famosa *ascese*, obra de artista e realista que estabelece o adequado sentido de mediação, num contexto de vida com critérios de amor, verdade e razoável adulez.

À perspectiva sadia da sexualidade conjugal também devem estar ligados os conceitos de *compromisso* e *fidelidade*, enquanto necessárias expressões do amor adulto, assumido e em constante revitalização, pela mútua descoberta, admiração e partilha complementar.

Como a sexualidade é algo que tem na própria história as marcas da vida pessoal, sobretudo quando o relacionamento na infância foi captativo e não evoluiu para o amor adulto, com alteridade e egocentrismo, há o perigo de se tornar «imoral» enquanto fixista, possessivo, dominador, explorador e frustrante. Há que ter em conta os mecanismos de defesa e colocá-los eticamente na linha da integração libertadora em busca de dinâmica maturidade afectiva, moral e social.

- m. E aqui haverá que distinguir, de forma correcta e ponderada, alguns dados, para não cair em pessimismos:

O que depende da vontade e da liberdade psicológica;
Aquilo que é fruto da finitude e da história pessoal sofrida e que não envolve clara responsabilidade;
E eventualmente o que seria infantil estado regressivo de fixação na desorientação, sem vontade de ultrapassar a situação.

Tudo isto, conscienciosamente avaliado, deve levar a pessoa a tomar as atitudes consideradas correctas.

Todavia, sem aludir às situações, devemos ter em conta as questões numa perspectiva o mais ampla possível, para:

1. Avaliar os comportamentos «sexualmente desorientados», perversos, tentando percebê-los num contexto de alguém que tem eventualmente uma personalidade desintegrada: agressiva, deprimida, marginal, drogada, etc.;
2. Há pessoas que têm um contexto de vida pessoal, profissional e social desenraizada. Daí os desajustes, as imaturidades e indefinições, tendo e sofrendo uma vida «incontinente e desajustada», no relacionamento recíproco, incluindo eventualmente a dimensão sexual;
3. Nas eventuais necessidades de ajuda, para uma avaliação ética, será de discernir a complexidade histórica e contextual da sua pessoa e respectivas intenções e esforços investidos, mesmo com resultados pouco produtivos.

Mais que os sucessos contabilizados, serão de ter em conta a evolução desejada, os esforços e estratégias ensaiadas, contando com a *lei da gradualidade*.

4. Para o crente, a Fé e o Amor são fontes de dinamismo. A Palavra e os sacramentos iluminam a pessoa, estimulam a liberdade, sustentam a vontade, confirmam a decisão de fidelidade ao respectivo projecto que vai precisando.

No respeitante à sexualidade humana há que não esquecer que para os dois sexos:

1. Há igualdade, em termos de dignidade, porque têm a mesma natureza e significado;
2. Existe diferenciação qualitativa, correspondente a complementariedade de personalidades;
3. Orientam-se sadiamente para a comunhão interpessoal, pela mediação da comunhão física, como expressão de amor adulto, que supõe conhecimento, adesão e entrega em liberdade;
4. O Amor humano está ligado a um compromisso, que para os cristãos é um Sacramento e indissolúvel. Há vocações para o casamento e para o celibato.

O ideal será integrar o «eros» e a «ágape» em liberdade adulta, em busca constante de: donde vimos, para onde vamos, que esperamos, ou melhor, quem nos espera? Que espera de cada um de nós?

III Em suma:

1. É importante ter clara consciência de que cada ser humano, sendo estruturalmente sexuado, é no decurso da sua história pessoal que deve conseguir uma *personalização sexuada sadia*; o que implica separação, individualização e autonomia para aprender a entender-se a si, a definir a auto-imagem e a dialogar com os outros, enquanto «semelhantes» e «diferentes», em busca de recíproca aceitação em liberdade.

Estas semelhanças e diferenças têm raízes biológicas, traduzidas em autonomia complementar e é pela aculturação, pela aprendizagem que ser recebem e comunicam informações, descobrindo o que é essencial e que une, o que é accidental e que tanto poderá dividir como ser complementariedade. Descobrir o ser e os vários modos de ser, é possível clarificar e estabelecer quais os pontos comuns e *construir livremente comunidade em liberdade*, segundo uma certa ordem e unidade na diversidade.

A sexualidade implica uma linguagem, é uma forma e processo de comunicação, com uma gramática própria cujos modismos dependem da idade, do meio sócio-cultural e histórico.

2. Cada pessoa não é fechada nem unívoca; *é um ser plástico e aberto*, sempre apto a tornar-se outro, fiel à sua identidade que deverá afirmar e alargar. Há pois orientações de natureza, que é preciso ponderar, avaliar e respeitar. Todavia, o temperamento, o carácter pessoal, os hábitos e costumes, a aculturação e a religião, informam, caracterizam e dão forma ao modo de ser pessoal.

E estes factores educativos, ambientais, culturais, religiosos e afectivos são tanto mais influentes quanto são coados pelos critérios influentes duma vida familiar afectivamente sadia, aberta, acolhedora, dialogante e com critérios éticos claros. Tendo isto tudo em conta, não é muito exacto falar de educação sexual; é de incentivar uma educação integral e integrada, tendo em conta a estrutura sexuada das pessoas e respectiva vocação

3. *A liberdade pessoal*, nas várias componentes física, psicológica, ética, religiosa e social, conta sempre com uma causalidade pulsional, com força diferente em cada pessoa e com uma dinâmica desencadeada por estímulos internos e externos, muito dependente duma sinalética ideológica ou comercial. É condicionada pelo costume, hábitos e modelos sócio-culturais e éticos, que tanto podem promover processos integrados como de desestabilização. Daí a necessidade, a obrigação moral das Famílias e comunidades políticas e religiosas de promoverem uma *educação englobante*, motivadora de investimentos na autonomia esclarecida e decisão responsável, segundo o estatuto e o papel de cada pessoa situada.
4. O modelo conjugal de sexualidade sadia deve conseguir a *unidade entre sexualidade, sensualidade e afectividade*, aberta aos vários aspectos da possível, responsável e adequada fecundidade do casal.

Faz parte da ética da sexualidade satisfazer adequadamente o máximo das capacidades dos intervenientes, conseguindo realização integral do sentido do ser humano: ser que pensa e deseja, que é intelectual e sensível, que é, em certa medida condicionado, mas com vocação de liberdade. O casal deve interrogar-se, conhecer-se, dizer-se e assumir-se, a todos os níveis, de forma aberta e responsável, não desligando sexualidade, fecundidade e comunhão libertadora. Não é adequado separar o sentido da sexualidade do da fecundidade adulta e responsável.

5. Daí que *a vida do casal deve ser todo um estilo de existência*, conscientes de que sem Famílias não é possível a realização de pessoas sadias. Assim, devem ter presente que:
 - a. Cada acto sexual é irrepitível, tem a sua originalidade própria, por isso deverá, ultrapassando a rotina e a banalização, ter a qualidade apropriada a cada situação, enquanto exprime, comunica, acolhe e promove o ser dos intervenientes;
 - b. Deve dizer-se que pela interpretação e compenetração englobante, usando a específica linguagem sexual, implica um compromisso de irreversibilidade, contido na vida livre e adultamente oferecida e aceite, sem horizontes datáveis;
 - c. A união conjugal deve aprofundar e definir a verdade e identidade do casal, não admitindo pelo seu próprio significado de interioridade, exclusividade e alteridade, a infidelidade; nem sequer será correcto o questionamento da sua continuidade e razão de ser, apesar das eventuais dificuldades e crises a enfrentar e superar;
 - d. Cada acto conjugal deve ser expressão do amor adulto, livre e promotor de identidade pessoal e unidade, congruência e convergência do casal. E tudo isto de forma unitiva, criativa e capaz de otimizar, de progressivamente aperfeiçoar a vida dos intervenientes: na própria inteligência, vontade e sensibilidade, enquanto pessoas aculturadas, religiosas e sociais, em constante processo de desenvolvimento qualitativo e de empenhamentos sociais e, eventualmente religiosos.

Assim, nesta perspectiva da ética sexual, a pessoa partilha, assume e integra o prazer e o gostar, na linha do amor sadio, ajudando o outro a ser e a ser feliz na partilha confiante e integral da vida.

Frei Bernardo Domingues, O. P.